

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 55, n. 1, p. 1-15, jan.-dez. 2024 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p>http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2024.1.42121</p>	

SEÇÃO: ARTIGOS

“Vou ficar sozinho para sempre?”: expectativas de homens trans sobre relacionamentos afetivo-sexuais

“Am I going to be alone forever?”: Trans men's expectations about affective-sexual relationships

“¿Voy a estar solo para siempre?”: expectativas de los hombres trans sobre las relaciones afectivo-sexuales

Leticia Carolina Boffi¹

orcid.org/0000-0001-9198-8963

leticiahoffi@gmail.com;

leticiahoffi@usp.br

Manoel Antônio dos Santos¹

orcid.org/0000-0001-8214-7767

masantos@ffclrp.usp.br

Recebido em: 2 nov. 2021.

Aprovado em: 5 set. 2022.

Publicado em: 21 out. 2024.

Resumo: Este estudo teve como objetivo conhecer as expectativas de homens trans acerca de seus relacionamentos afetivo-sexuais após a transição de gênero. Participaram 15 homens trans, com idades entre 20 e 41 anos, em processo de hormonização. Foram realizadas entrevistas individuais guiadas por um roteiro semiestruturado, audiogravadas, transcritas e submetidas à análise temática reflexiva. Os participantes reconheceram que, possivelmente, terão possibilidades mais restritas de se engajarem em relacionamentos afetivo-sexuais após a transição de gênero, em decorrência da materialidade corpórea divergente da cisnormatividade. Outra fonte de desconforto presumida é o repúdio social, que alimenta a abjeção e sedimenta o imaginário da exotização e fetichização dos corpos transmasculinos, fixando-os em relações esporádicas. Conclui-se que a persistente fixação na genitália como referente signico determinante da sexualidade modula e regula a busca por parceira íntima. Essa perspectiva reforça a heteronormatividade como estratégia de reafirmação do gênero.

Palavras-chave: homens trans, transmasculinidade, sexualidade, estado conjugal, relacionamento conjugal

Abstract: This study aimed to know the expectations of trans men about their affective-sexual relationships after gender transition. Participated 15 trans men, aged between 20 and 41 years, in the process of hormonization. Individual interviews guided by a semi-structured script were conducted, audio-recorded, transcribed, and subjected to reflective thematic analysis. The participants recognized that, possibly, they will have more restricted possibilities to engage in affective-sexual relationships after the gender transition, as a result of the corporeal materiality divergent from cisnormativity. Another presumed source of discomfort is the social repudiation, which feeds abjection and sediments the imaginary of exoticization and fetishization of transmasculine bodies, fixing them in sporadic relationships. We conclude that the persistent fixation on the genitalia as the determining sign referent of sexuality shapes and regulates the search for an intimate partner. This perspective reinforces heteronormativity as a gender reassertion strategy.

Keywords: trans men, transmasculinity, sexuality, conjugal status, marital relationship

Resumen: El objetivo del estudio era conocer las expectativas de los hombres trans en cuanto a las relaciones afectivo-sexuales después de la transición de género. Participaron 15 hombres trans, con edad entre 20 y 41 años, en proceso de hormonización. Se realizaron entrevistas individuales guiadas por un guión semiestructurado, grabadas en audio, transcritas y sometidas a un análisis temático reflexivo. Participantes reconocieron que, posiblemente, tendrán posibilidades más restringidas de entablar relaciones afectivo-sexuales después de la transición de género, debido a la materialidad corporal divergente de la cisnormatividad. Otra fuente de malestar asumido es el repudio social, que alimenta la



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil.

abyección y sedimenta el imaginario de exotización y fetichización de los cuerpos transmasculinos, fijándolos en relaciones esporádicas. Se concluye que la fijación persistente en lo genital como signo determinante de la sexualidad modula y regula la búsqueda de pareja. Esta perspectiva refuerza la heteronormatividad como estrategia de reafirmación del género.

Palabras clave: hombres trans, transmasculinidad, sexualidad, estado conyugal, relación conyugal

As identidades transmasculinas ganharam visibilidade social e acadêmica no Brasil a partir de 2010, com a intensificação do movimento social da população trans, potencializado pela massificação da internet e pela inclusão dos homens trans no Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS) em 2013 (Boffi et al., 2022). Na esteira desse movimento de expansão da visibilidade dos homens trans, o conhecimento acadêmico concentrou seu interesse especialmente nas questões de saúde desta população. Nesse âmbito, muita atenção foi alocada nas modificações corporais como parte do processo de transição de gênero (Galli et al., 2013), porém algumas especificidades foram negligenciadas, em especial pelos estudos nacionais, tais como as vivências das transmasculinidades negras (Boffi & Santos, 2023; Santana et al., 2021), acesso aos direitos sexuais e reprodutivos (Angonese & Lago, 2017), e aos privilégios sociais destinados aos homens em consonância com a construção social das masculinidades (Santos & Boffi, 2022).

Nessa vertente, pouca atenção tem sido dada a temas como as trajetórias afetivo-sexuais e os relacionamentos amorosos de homens trans (Almeida & Santos, 2021; Lomando & Nardi, 2013). Há uma lacuna apreciável na produção de conhecimento no cenário brasileiro, principalmente se comparado ao *corpus* constituído pela literatura dedicada às relações afetivas e à conjugalidade de mulheres transexuais e travestis (Alexandre & Santos, 2021; Almeida & Belo, 2019; Galli et al., 2013; Silva, 2018) ou das relações amorosas/maritais entre homens gays (Lira & Morais, 2020; Nascimento et al., 2015) e entre mulheres lésbicas (Gaspodini & Falcke, 2018; Souza & Santos, 2023; Tombolato et al., 2018, 2019). Grande parte dos homens trans demanda o processo de

hormonização e manifesta desejo de realizar a mamoplastia masculinizadora, como resultado de seus processos subjetivos de construção das transmasculinidades (Santos & Boffi, 2022). Quanto à priorização da cirurgia de redesignação sexual genital, não há consenso nem homogeneidade (Sousa & Iriart, 2018).

De acordo com Sousa e Iriart (2018), o nível de desenvolvimento da técnica cirúrgica ainda é incipiente devido à ineficácia estética e funcional do órgão sexual resultante. Em tal contexto, a lógica cisgênera que equaciona homem-pênis é frequentemente subvertida nas experiências dos homens trans que não almejam se submeterem a tal modificação corporal ou não têm acesso à intervenção cirúrgica. Quando mencionamos a existência de uma *lógica cisgênera* estamos nos referindo ao conceito de cisgeneridade, que é a condição auferida pela pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído ao nascimento. Assim, cisgeneridade e transgeneridade se referem a dimensões da identidade de gênero (Almeida & Santos, 2021). Um conceito correlato, útil ao nosso estudo, é o de cisnormatividade, que se refere à suposição aparentemente natural e a-histórica das identidades cisgêneras, as quais estruturam instituições e interações humanas e resultam no apagamento de experiências e realidades gênero-variantes e não binárias (Collier & Daniel, 2019).

Discorrer sobre a diversidade de configurações de casais envolve explorar também o casal cis-trans, quando apenas uma das partes envolvidas se autoidentifica como trans. Especificamente nessa configuração, trata-se de uma circunstância na qual homem ou mulher cisgênero se relaciona com homem ou mulher trans (Alexandre & Santos, 2019). Indivíduos engajados nesse tipo de arranjo conjugal enfrentam questões específicas no desenvolvimento de suas relações afetivas e podem ter seus percursos atravessados por manifestações de transfobia, que impactam a vivência do processo de transição e impõem desafios à construção do relacionamento do casal (Alexandre & Santos, 2021; Lenning & Buist, 2013).

Os relacionamentos afetivo-sexuais constituem

uma dimensão da vida considerada relevante pelas pessoas trans (Alexandre & Santos, 2019; Lomando & Nardi, 2013), especialmente porque estar em um relacionamento contribui para incrementar a qualidade de vida de homens trans (Defreyne et al., 2017). Papeis de gênero assumidos nos relacionamentos podem ser fortemente influenciados pelo desejo e concretização social de reafirmação do gênero (Galli et al., 2013; Silva, 2018). Tal lógica corrobora a concepção binária de gênero, compreendida como a noção da existência e validação de apenas duas possibilidades de corpos humanos distintos, que designam homens e mulheres (Santos et al., 2019).

Segundo Wittig (1992), a binaridade, enquanto noção da existência e validação da narrativa de dois únicos gêneros possíveis, é produto de ideais regulatórios que regem sua própria construção social. Esse conceito fundamenta a heteronormatividade compulsória, que designa a heterossexualidade como regulação normativa que se impõe para toda a sociedade, ao passo que outras sexualidades são tomadas como desviantes e, por vezes, patológicas em decorrência da suposta complementaridade natural dos corpos distintos (Wittig, 1992).

Ao reunir tais concepções, Wittig (1992) põe em evidência uma noção de binarismo de gênero que organiza práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo. Nesse sentido, pessoas trans – e aqui notadamente os homens trans – desde sempre não cabem nos contornos da binaridade de corpo em decorrência da transgeneridade. Possíveis dificuldades em se relacionarem afetivo-sexualmente pós-transição de gênero podem ser uma das consequências de tal suposto *desvio corpóreo*.

Bento (2012) aponta que, nos homens trans, a “falta” do órgão sexual culturalmente associado ao gênero masculino pode implicar em dificuldades na manutenção dos relacionamentos afetivos. Isso decorre da compreensão cisgênera dos corpos, segundo a qual homem é dotado de pênis, e mulher, de vulva. Tal definição é fundamentada na materialidade anatômica dos corpos e na definição substancializada de gê-

nero a partir de uma base material, referendada pela racionalidade biomédica. O sistema sexo/gênero é acionado logo cedo, sendo atribuído precocemente pelos pais e demais cuidadores da criança baseando-se na diferença anatômica entre os genitais – ou melhor, nos significados produzidos e negociados socialmente como próprios dessa distinção anatômica; significados que são conferidos à diferença (Santos et al., 2019). Doravante, haverá na vivência da masculinidade uma centralização na presença física do pênis, que dá expressão concreta ao valor simbólico do falo, investido imaginariamente de poder e associado a uma sobrevalorização hierárquica da posição masculina. O falo, enquanto signo que ocupa uma posição superior na hierarquia de poder, confere um lugar de distinção narcísica que é resquício do patriarcado.

Essa questão organiza a dinâmica imaginária das relações afetivas na vida adulta. Lomando e Nardi (2013) argumentam que a sexualidade vivenciada nos relacionamentos cis-trans é produzida pela decantação de inúmeras negociações, descobertas e mudanças relacionais. Segundo os autores, os casais que se organizam em tal configuração buscaram em seus processos conjugais promover a identidade de gênero de sujeitos trans. Entretanto, tensionaram suas definições a partir dos genitais, endossando a força e a persistência da cisheteronormatividade que se constrói em torno de processos corporificados e genderizados. Esses processos reiteram a reificação do pênis nas relações amorosas – por exemplo, na ideia de penetrabilidade. Assim, ao assumirem um relacionamento com uma pessoa do gênero oposto ao seu, os sujeitos trans podem buscar reafirmar suas identidades a partir da heterossexualidade e do estereótipo binário, atribuindo à configuração de relacionamento heterossexual o poder de reafirmar seu gênero e masculinidade (Silva, 2018).

O contexto social que envolve o impacto de normativas e dissidências nas relações afetivo-sexuais pode ser compreendido a partir do conceito de estressores externos, entendidos como situações e demandas que têm origem ex-

terna ao relacionamento (Randall & Bodenmann, 2009) e impactam a relação interpessoal. Um estressor exige mudanças para que o indivíduo se adapte à nova realidade. A exposição a estressores externos, bem como o modo como os(as) parceiros(as) íntimos(as) reagem a eles, podem gerar estresse dentro da relação e desencadear conflitos no relacionamento.

Ao discorrer sobre minorias sexuais, o estigma e a discriminação representam importantes fatores indutores de tensões que podem ter efeito deletério no relacionamento dos casais de minorias sociais, na medida em que produzem mudanças que exigem adaptações (Alexandre & Santos, 2019, 2021; Rood et al., 2016). Entende-se por estigma certos efeitos de sentido decorrentes de ideias prontas e enraizadas de cunho negativo, que sustentam rotulações e estereótipos que podem levar à discriminação, segregação, perda de prestígio e de *status* social (Link & Phelan, 2001). Segundo Gamarel et al. (2014), a internalização de mensagens estigmatizantes sobre o parceiro íntimo pode resultar em tensão e conflito no relacionamento, com consequências como isolamento social, inibição de suporte interpessoal e da comunicação aberta, o que pode contribuir para o desgaste do relacionamento.

A população trans, de maneira geral, experimenta estressores específicos, além dos estressores cotidianos, tais como insultos e outros tipos de violência relacionados à rejeição social de sua identidade e/ou expressão de gênero (Hendricks & Testa, 2012). O modelo teórico de estresse de minorias sexuais (Meyer, 2003), posteriormente desenvolvido e adaptado para as minorias de gênero (Hendricks & Testa, 2012), é uma forma de compreender as condições individuais e do meio vividas pelo grupo, consistindo em uma base conceitual que explica como condições sociais, e não apenas pessoais, podem levar ao adoecimento físico e psicológico.

Meyer (2003) define três premissas subjacentes ao estresse de minorias: o grupo estigmatizado está sujeito à ação de fatores estressores específicos, que são adicionais aos geralmente experimentados pelo conjunto de indivíduos;

estresse de minorias é um processo crônico, visto que está relacionado a normas sociais relativamente estáveis e estabelecidas; é um fenômeno social, ou seja, resulta de estruturas, processos e instituições sociais estabelecidos, ainda que seja mediado por processos cognitivos ou biológicos.

O modelo também descreve três dimensões de preconceitos, atualizados: percebido, antecipado e internalizado (Meyer, 2003). O preconceito percebido caracteriza o estresse explícito, isto é, as vivências estressoras reais do indivíduo que sofre preconceito por sua condição de pertencer a um grupo minoritário. O preconceito antecipado é entendido como a antecipação de evento estressor no futuro; o estresse é vivenciado por meio da expectativa de rejeição e recriminação, do estado de vigilância permanente e das ações empreendidas para se esconder e se proteger. O preconceito internalizado ocorre quando as atitudes depreciativas e o preconceito do ambiente social são internalizados pela própria pessoa pertencente ao grupo minoritário, podendo ter efeitos negativos para o enfrentamento dos estressores (Chinazzo et al., 2021).

Conforme Rood et al. (2016), os estressores que afetam grupos minoritários podem não ser identificados pelas pessoas como sendo relacionados à identidade minoritária, o que pode resultar em menor impacto sobre a saúde mental. Isso pode ser resultado de formas mais sutis de discriminação, as microagressões, que ainda assim comunicam mensagens hostis ou depreciativas para e sobre grupos historicamente marginalizados, tais como *bullying*, exclusão e violência institucional (Nadal et al., 2016). É o efeito psicológico da discriminação que gera o prejuízo na saúde mental, e não a violência em si (Chinazzo et al., 2021). Portanto, a partir do modelo teórico de estresse de minorias, podemos compreender por que sujeitos pertencentes às minorias sociais tendem a antecipar possíveis reações de preconceito por parte da sociedade, sendo a expectativa antecipatória de rejeição o estressor frequentemente destacado na população trans (Rood et al., 2016). Essa antecipação por si só é capaz de desencadear a reação de

estresse, contribuindo para o aumento da vulnerabilidade individual.

Em sintonia com o conceito de estressores externos e estresse diádico, é possível analisar os impactos da discriminação e do estigma social direcionados aos homens trans e suas repercussões nos relacionamentos afetivo-sexuais. Considerando tal premissa, este estudo teve como objetivo conhecer as expectativas de homens trans quanto aos seus relacionamentos afetivo-sexuais após a transição de gênero.

Método

Desenho do estudo

Trata-se de um estudo exploratório, transversal, com abordagem qualitativa. A pesquisa de cunho exploratório tem como propósito promover maior familiaridade com o problema investigado, buscando explicitá-lo e construir hipóteses em um tema ainda pouco investigado.

Participantes

Por homens trans entendemos os sujeitos que, ao nascimento, foram designados como do sexo feminino e que, em algum momento da vida,

passaram a se identificar como pertencentes ao gênero masculino. Foram considerados aptos a participar da pesquisa sujeitos maiores de 18 anos, que se autodeclararam homens trans e que passaram pela hormonização, com ou sem intervenções cirúrgicas concomitantes.

A amostra intencional foi fechada por saturação teórica de informações. Participaram 15 homens trans, com idades entre 20 e 41 anos, residentes em quatro estados do Brasil (Tabela 1). Seis participantes se autodeclararam brancos, cinco pardos e quatro pretos. Em relação à hormonização, os entrevistados se distribuíram dentro de um período de cinco meses a cinco anos. Três participantes haviam realizado a mamoplastia masculinizadora, um em hospital público e dois na rede particular de saúde. Nenhum participante havia se submetido à cirurgia para redesignação sexual. Acerca da orientação sexual, 11 participantes se declararam heterossexuais, dois bissexuais e dois pansexuais. Sete se encontravam em relações estáveis e sete estavam solteiros. Do total, oito participantes residiam com os pais, três moravam com companheiras e quatro moravam sozinhos.

Tabela 1 – Perfil dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade (anos)	Cor	Orientação sexual	Tempo de namoro/união	Estado marital	Tempo de uso de testosterona	Cirurgias
Henrique	22	Preto	Bissexual	3 anos e 1 mês	Namorando mulher cis	3 anos e 6 meses	Nenhuma
Hugo	29	Preto	Pansexual	4 anos	Namorando mulher cis	4 anos	Nenhuma
Olliver	21	Pardo	Pansexual	-	Solteiro	1ano e 3 meses	Nenhuma
Renato	21	Branco	Heterossexual	-	Solteiro	3 anos e 3 meses	Mamoplastia masculinizadora
Pedro	23	Branco	Heterossexual	1 ano	Namorando mulher cis	3 anos	Nenhuma
Felipe	21	Pardo	Heterossexual	10 meses	Namorando mulher cis	6 meses	Nenhuma
Lucca	25	Pardo	Heterossexual	-	Solteiro	1 ano e 9 meses	Nenhuma

Humberto	21	Branco	Heterossexual	-	Solteiro	1 ano e 4 meses	Mamoplastia masculinizadora
Ricardo	23	Branco	Heterossexual	-	Solteiro	3 anos	Nenhuma
Marcos	20	Branco	Heterossexual	-	Solteiro	1 ano	Nenhuma
Leonardo	25	Branco	Heterossexual	2 anos e 5 meses	Namorando mulher cis	5 meses	Nenhuma
Peter	24	Pardo	Heterossexual	2 anos	Namorando mulher cis	1 ano e 6 meses	Nenhuma
Christopher	33	Preto	Heterossexual	-	Solteiro	2 anos e 7 meses	Nenhuma
Gabriel	23	Preto	Bissexual	1 ano e 2 meses	Namorando mulher cis	5 anos	Nenhuma
Yoasi	41	Pardo	Heterossexual	-	Solteiro	5 anos	Mamoplastia masculinizadora

Fonte: Elaborada pelos autores.

Instrumentos

Foi aplicado individualmente um formulário sociodemográfico, desenvolvido pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq), e um roteiro de entrevista semiestruturado, que explorava as expectativas em relação aos relacionamentos afetivo-sexuais – passados, presentes e futuros.

Coleta de dados

Os dados foram obtidos entre março e junho de 2020, por meio de entrevistas que aconteceram de forma presencial (dois participantes) e por meio remoto via chamada de vídeo (13 participantes), em observância aos protocolos sanitários instituídos para contenção da pandemia de COVID-19. Inicialmente, um participante foi convidado a participar da pesquisa por meio das redes sociais. Os demais foram arrematados por meio da técnica de *bola de neve*.

A entrevista principiava com a questão norteadora: "Conte-me sobre suas expectativas quanto aos relacionamentos afetivo-sexuais após a sua transição". A partir dos desdobramentos das narrativas eram aprofundadas as questões sobre a construção dos relacionamentos afetivos, por meio de questionamentos tais como: "Como

você percebe a aproximação afetivo-sexual das pessoas no período pós-transição?"; "Como você lida com a questão da fetichização?"; "Você já teve alguma experiência de relacionamento com homens?", entre outras questões. As entrevistas duraram entre 55 e 210 minutos (duração média de 95 minutos). Foram audiogravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra e literalmente pela pesquisadora.

Análise dos dados

As transcrições foram submetidas à análise temática reflexiva, cuja estrutura é composta por seis passos: familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, geração de possíveis temas, refinamento dos temas, nomeação dos temas e produção de relatório (Braun & Clarke, 2019). No processo de análise temática os dados são entendidos como resultado da ordenação do material empírico coletado no trabalho de campo, que compreende a interpretação dos fragmentos dos relatos dos entrevistados, sua codificação linha a linha e sua organização em eixos temáticos. A análise perpassa também a articulação do material empírico com o referencial teórico-conceitual que orienta o olhar do(a)

pesquisador(a).

Para organizar os dados e sistematizar a análise foi utilizado o *software QDA Mine Lite*. A pesquisadora responsável e o pesquisador orientador do estudo realizaram cada etapa da análise temática reflexiva de modo independente e, posteriormente, cotejaram os resultados analíticos. As codificações e categorizações discordantes foram discutidas e solucionadas por consenso. Este estudo é um recorte do *corpus* de análise que responde ao objetivo proposto.

Cuidados éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, sob o parecer número 3.926.604 e CAAE 25897819.8.0000.5407. Foram seguidas as diretrizes vigentes para pesquisas com seres humanos, previstas na Resolução n. 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes que concordaram em participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual autorizaram a gravação da entrevista e o uso dos dados para fins de pesquisa. Por se tratar de uma pesquisa que envolve temática sensível, antes do início da entrevista foi esclarecido sobre a possibilidade de interrupção, caso o participante se sentisse desconfortável com o assunto abordado. Dada a necessidade de respeitar e, ao mesmo tempo, validar a identidade de gênero dos entrevistados, os nomes próprios utilizados são fictícios, tendo sido escolhidos pelos próprios participantes.

Resultados e discussão

A análise das narrativas proporcionou a elaboração de três temas analíticos.

Experiências adversas em relações afetivo-sexuais após a transição de gênero

Os relacionamentos afetivo-sexuais se destacam como uma dimensão relevante da vida segundo os participantes, em particular porque estar em um relacionamento aumenta as chan-

ces de desfrutar de melhor qualidade de vida na percepção de homens trans (Defreyne et al., 2017). Após iniciarem o processo de hormonização e adquirirem as modificações corporais desejadas, eles entendem que podem exteriorizar sua expressão e identidade de gênero e, por esse motivo, tendem a se sentirem mais confortáveis consigo mesmos e com seus corpos (Sousa & Iriart, 2018). Os resultados mostram que, ao contrário do que imagina o senso comum, e para a surpresa dos próprios sujeitos, após a transição de gênero eles percebem uma redução do número de pessoas interessadas em manter relacionamento afetivo-sexual com eles, até mesmo uma relação sexual fortuita. Essa quebra de expectativas pode resultar em sentimentos de tristeza, frustração, apreensão, incrementando o sofrimento e a retomada da insegurança em relação a si próprios e seus corpos, como aponta um participante:

Às vezes eu fico muito triste. Eu vou conversar com meu amigo sobre isso, porque relacionamento está sendo o auge do meu sofrimento. Estou há um ano solteiro. Ai eu fui conversar com meu amigo e falei: "Será que eu vou ficar sozinho pra sempre?" (...) a possibilidade de relacionamento pra gente diminui, não vai ser qualquer pessoa que vai querer se envolver com a gente... querer conhecer quem a gente é. Acho que [relacionamento] é uma coisa que tem um peso muito grande em nossas vidas e a gente se sente muito inseguro. (Olliver)

Pela reiteração dos relatos obtidos sobre as experiências de rejeição e dificuldades de encontrarem parceiras para relações afetivo-sexuais no período pós-transição, esses componentes se afiguram como estressores externos relacionados à identidade de gênero dos homens trans (Hendricks & Testa, 2012).

A transição de gênero é um processo sensível que pode contribuir tanto para fortalecer como vulnerabilizar o indivíduo que a ela se expõe. A exposição crônica aos eventos estressores desencadeados por experiências de preconceito e discriminação (Meyer, 2003) denota a tentativa de aniquilação dos corpos trans em nome da legitimação social dos corpos cisgêneros. Ser submetido a tais experiências desumanizantes

no contato com o ambiente social leva ao recrudescimento dos sentimentos de insegurança na relação do sujeito trans com seu próprio corpo e sua identidade de gênero (Hendricks & Testa, 2012). Os valores associados à binaridade e cis-generidade são reafirmados nos preconceitos percebidos contra as transidentidades, repercutindo especialmente em relação à aceitação da corporeidade recém-adquirida e à externalização da identidade de gênero. Isso suscita novas inseguranças em relação à aparência física, que podem se converter em fonte de sofrimento e de questionamentos quanto à experiência transmasculina.

Ricardo compartilhou o quanto sofre com suas inseguranças, que se acentuaram após o início da transição, e que se somaram às experiências amargas de traição por parte de sucessivas parceiras. Ele passou a atribuir a si mesmo e à sua condição de homem trans a "culpa" pela dificuldade de manter um relacionamento estável:

Em aplicativos de relacionamento é muito mais difícil, as pessoas não têm vergonha de perguntar, não tem medo de nada... Se elas quiserem te machucar, elas te machucam. Então não consigo mais também me colocar em nenhum tipo de *site* de relacionamento, não dá certo, e depois de alguns relacionamentos em que eu fui traído, vem a dúvida se é possível me relacionar e não existir traição por eu ser assim, por mais que eu acredite que não seja isso. (...) Para minha mãe e para as pessoas, isso [a traição] é justificado, e se eu falo para as pessoas que eu fui traído, elas acham normal porque eu tenho algum tipo de problema, falta alguma coisa em mim. Então, é complicado hoje em dia manter qualquer tipo de relacionamento (Ricardo).

Este participante, assim como outros, está suscetível a experimentar um processo de preconceito internalizado, que se instala quando as crenças e atitudes preconceituosas do ambiente social são internalizadas pela própria pessoa pertencente ao grupo minoritário (Chinazzo et al., 2021; Hendricks & Testa, 2012). Essa dinâmica, frequente na experiência de homens trans, é um dado preocupante em termos de saúde mental e promoção de vida. O preconceito internalizado está positivamente associado a sintomas depressivos, alta prevalência de ideação suicida

e tentativas de suicídio em algum momento da vida (Chinazzo et al., 2021).

Brown (2010) examinou as experiências de mulheres de minorias sexuais engajadas em relacionamentos amorosos e sexuais com homens trans. O estudo mostrou que, no contexto da transição dos parceiros, questões relacionadas ao desejo e à prática sexual tiveram que ser redimensionadas. A transição de gênero obrigou os casais a deflagrarem um processo de renegociação de seus corpos e de sua conexão sexual. Alguns relatos mostraram que a transição foi negativamente afetada no curso do processo, em situações nas quais a orientação sexual lésbica da parceira se somava a um histórico de trauma pessoal. Por outro lado, a transição foi positivamente influenciada quando o parceiro se mostrava mais confortável e confiante com seu corpo, resultando em mais desejo e prazer nas relações sexuais. Resultados semelhantes foram reportados por estudos realizados no contexto brasileiro (Alexandre & Santos, 2019, 2021).

Tais análises são consistentes com o modelo de estresse de minorias sexuais e de identidade de gênero, ao evidenciarem um estressor relacionado a normas sociais que se mantêm relativamente estáveis e que continuam regulando as relações e os afetos. Não se trata de uma violência explícita, mas de formas mais sutis de discriminação que revelam o alastramento e a reconfiguração dos modos de operar as cisheteronormatividades. Trata-se de microagressões que comunicam mensagens transfóbicas como resultado e que podem encontrar ressonância no mundo subjetivo da pessoa trans (Nadal et al., 2016), como, por exemplo, no sentimento de incompletude existencial vivenciado com dor e certa dose de resignação por Ricardo ("elas acham ... que falta alguma coisa em mim").

Normativas da identidade de gênero e orientação sexual dos participantes e de suas parceiras

A relação linear e direta, estabelecida entre gênero e a materialidade corporal, também é observada quando os homens trans classificam

suas pretendentes em referência à sexualidade. Os homens trans teceram conjecturas acerca de suas dificuldades de estabelecerem relações afetivo-sexuais a partir da orientação sexual das pretendentes – mulheres cisgêneras lésbicas, bissexuais e heterossexuais, apontando tais características como limitações e possibilidades, respectivamente. Marcos descreve a leitura que faz acerca da orientação sexual de eventuais parceiras: "uma menina que gosta de meninas não vai ficar comigo, e uma menina que gosta de menino muitas não vão ficar comigo porque elas não sentem que eu sou menino".

Os homens trans retratam como eles mesmos não são vislumbrados como opções de pretendentes por mulheres lésbicas, em decorrência da expressão e identidade de gênero masculina e a rejeição dessas características por elas. Alegam que elas não se interessariam pela aparência física e pela identidade de gênero masculina que os homens trans apresentam. Contudo, quando constatam que tais relações ocorrem, eles racionalizam que o interesse das parceiras se centra na genitália, e que a identidade de homem trans é apagada nessa experiência.

Quando, de fato, homens trans mantêm relações com mulheres lésbicas e essas não estão dispostas a repensarem ou alteraram os significados atribuídos à sua orientação sexual, eles podem se sentir invalidados, deslocados do polo masculino e realocados no feminino por parte das companheiras, especialmente quando a rigidez na manutenção da identificação lésbica é justificada pela conformação do genital. Eles elaboram tal situação como uma redução de sua subjetividade ao valor atribuído a uma parte corporal, reificando a crença na diferença anatômica entre os corpos como destino do qual não se pode esquivar.

Já vi meninas que se rotulavam e lutavam pela causa de que eram lésbicas, mas na hora de ficar com um homem trans mantinham esse estigma, digamos assim. Não ligo pelo rótulo que a pessoa fala, não tenho problema com isso, mas no momento que isso começa a interferir e muda a imagem da minha pessoa perante os outros, acho que é algo prejudicial. (Renato)

Essa configuração conjugal e a problemática envolvida não são raras logo após a transição, visto que todos os participantes declararam ter assumido uma identidade lésbica anteriormente e alguns inclusive se encontravam em tal arranjo afetivo-sexual. Nesse contexto, pode-se compreender a transição de gênero como um potencial estressor externo, uma vez que implica em mudanças e exige adaptação a uma nova realidade.

Nesse contexto de exposição a tal estressor externo, inicialmente individual, emergem as reações das parceiras. Observa-se estresse dentro da relação, destacando o fenômeno do estresse diádico, quando há uma transferência de estresse de um parceiro para o outro e, em consequência, ambos passam a vivenciar sofrimento (Randall & Bodenmann, 2009). A situação pode ser atravessada por inúmeras negociações, descobertas e mudanças relacionais. Casais que conquistaram a promoção da identidade de gênero do sujeito trans se mantiveram em relação (Lomando & Nardi, 2013), apresentando-se como possível caminho de negociação exitosa.

A respeito das relações com mulheres cisgêneras heterossexuais, os participantes narraram sua percepção de que não há uma compreensão, por parte delas, dos homens trans como homens. Como homens trans que não haviam se submetido à cirurgia de redesignação sexual, os participantes rompem com a normativa binária de complementação de corpos opostos, que envolve a expectativa de reiteração da cisgeneridade como reguladora dos corpos sexuados a partir da noção de mulher-vagina e homem-pênis. Tais sujeitos seguem uma lógica dissidente da cis-normatividade, enquanto corpos que coexistem no espaço social como homens com vulva. Além disso, alguns corpos transmasculinos também ostentam seios, haja vista que a mamosplastia masculinizadora havia sido realizada apenas por três participantes. Yoasi compartilha suas experiências em tal arranjo:

Na vida afetivo-sexual, se eu me relaciono com uma mulher cis por conta da minha passabilidade – eu falo uma mulher cis porque seria muito difícil isso acontecer se fosse o contrário, se fosse uma mulher trans ou uma travesti – uma

mulher cis olha pra mim e tem interesses em mim e eu fico com interesses nela, e quando há uma aproximação... se existe uma aproximação mais íntima, que a gente chegue ao momento que vamos ter uma relação sexual, e aí eu falo que eu sou trans, há uma série de dificuldades e problemáticas em cima disso. Então, mesmo que ela me aceite, ela vai sempre fazer alguns questionamentos. (Yoasi)

Segundo Bento (2012), o significado construído sobre a ausência de pênis nos homens trans pode explicar as dificuldades dos relacionamentos afetivos, lógica que corrobora a cisnormatividade, associando homens ao pênis e mulher à vulva. Esse estressor também pode aparecer, de acordo com os participantes, mesmo após o desenvolvimento de afeto interpessoal, mas sempre diante da exposição de sua identidade de gênero não normativa que comporta um corpo transgressivo. Tais situações têm potencial de desencadear desencontros, frustração e tristeza nos relacionamentos. Na vivência do preconceito antecipado, entendido como a antecipação de evento estressor no futuro, expectativa de rejeição e recriminação (Meyer, 2003), um sentimento relatado é a ansiedade inicial vivenciada diante de situações de primeiro encontro, cuja atenção se volta à questão de quando e como devem expor sua condição trans.

Os homens trans enfatizam que, para as mulheres heterossexuais, o fato de se verem associadas a uma conjugalidade transmasculina é uma razão social para questionamento de sua sexualidade. Novamente, a genitália (vulva) é reificada como o ponto crucial de definição da margem que separa o aceitável do inaceitável. Tais relatos corroboram a internalização de mensagens estigmatizantes sobre o parceiro íntimo como possibilidade de tensão e fonte de conflito no relacionamento, cujas consequências podem ser isolamento, inibição da identificação do suporte interpessoal e de um padrão de comunicação aberta, fatores que possivelmente contribuem para o fim da relação (Gamarel et al., 2014).

Em relação às mulheres bissexuais, o participante Olliver comenta que consegue se relacionar com elas com certa facilidade, entretanto, percebe que ainda é interpretado como uma

mulher quando está engajado em tais relações: "Às vezes elas ainda estão muito ligadas em: 'estou me relacionando com um homem trans, mas é uma mulher'". As relações afetivo-sexuais são permeadas por definições estanques e essencializadas de sexualidade, com foco excessivo na genitália e não no gênero. Desse modo, os relacionamentos podem ser capturados pela exaltação puramente material do corpo como referente absoluto que define a identidade do indivíduo. A apreensão naturalizada dos corpos é empecilho para as relações dos homens trans, uma vez que, na maior parte das vezes, eles não correspondem às normativas reforçadoras de estereótipos mantenedores do binarismo de gênero.

Compreende-se que a dificuldade que eles encontram em se relacionar afetivo-sexualmente provém, em grande medida, da compreensão social de que sua conformação corporal não permite que eles sejam classificados na categoria homem: sentem que são alocados como pertencentes ao gênero feminino por potenciais parceiras íntimas em decorrência de terem uma vulva, ou são lidos como homens que escapam das concepções binárias que essas parceiras procuram. Tal percepção pode fortalecer interpretações de que é possível manter apenas relações esporádicas e descompromissadas com tais corpos e sujeitos, mas não um relacionamento estável, já que esse tipo de vínculo não passaria pelo crivo social da cisnormatividade. Essa leitura sustenta uma concepção essencialista que compreende o gênero não pela identificação de si mesmo como pertencente a um ou outro gênero, a partir de uma convicção íntima e duradoura que se estabelece, mas como decorrência do aparato biológico e, particularmente, do significado atribuído à conformação externa dos genitais.

Outro aspecto que chamou a atenção nas narrativas foi a vivência dos participantes que já estavam engajados em um relacionamento afetivo durante a transição de gênero. Os homens trans notaram diversas mudanças na qualidade do vínculo quando a configuração se delineava anteriormente como um casal de mulheres lésbicas. Destacaram um movimento

de questionamento das identidades por parte das parceiras íntimas, que antes se compreendiam como lésbicas e que concluíram que o fato de serem vistas ao lado de uma figura masculina automaticamente as reposicionaria como mulheres heterossexuais. Nessa situação, novamente se percebe uma compreensão que entroniza a soberania do genital e enfatiza a materialidade corporal como referência essencializadora.

Mulheres lésbicas podem ser socialmente estigmatizadas quando são percebidas como pessoas que se relacionam com parceiros trans devido às ideias negativas que sustentam rotulações e estereótipos socialmente construídos e propagados sobre as transidentidades. Nessa condição podem estar vulneráveis à discriminação, segregação, perda de prestígio e de *status* social (Link & Phelan, 2001). Outra hipótese factível (e não excludente) é uma possível transfobia internalizada de tais parceiras, que pode invalidar os esforços e tentativas de arranjos conjugais. Esses estressores diádicos, a que ambos os parceiros estão sujeitos (Randall & Bodenmann, 2009), foram relatados por dois participantes como motivos para a ruptura do relacionamento.

Outro resultado a ser destacado remete à menção ao impacto de experiências positivas nos relacionamentos após o início do processo de transição. Foi dado destaque a relacionamentos que se mantiveram preservados durante a transição. Esse desfecho favorável foi encontrado nas narrativas de quatro participantes (Hugo, Felipe, Leonardo e Peter), que compartilharam experiências fortalecedoras que se contrapõem às dificuldades encontradas no percurso de transição. Dois impactos positivos foram mencionados: a fragmentação da lógica binária homem-pênis e a revisão da orientação sexual das companheiras, anteriormente estabilizadas como lésbicas. Essas trajetórias sugerem não apenas uma desestabilização da orientação sexual, mas também do gênero das parceiras, já que as mulheres lésbicas também compõem suas identidades de gênero dentro do binarismo. Ou seja, como lésbicas, o fato de se relacionarem com “homens não binários” poderia torná-las mulheres diferentes do que

elas acham que devem ser. O(a) parceiro(a) da pessoa trans também enfrenta uma subversão de gênero, já que sua identidade pode se tornar abjeta por proximidade com alguém alocado na categoria de abjeção.

Leonardo conta como sua namorada foi uma pessoa fundamental na sua transição por ser capaz de lhe fornecer suporte em todas as suas dificuldades, compartilhando os bons e maus momentos, evidenciando a potencialidade de uma relação conjugal cis-trans: “Olha, pra mim foi uma base e um apoio muito grande porque pelo menos eu tinha alguém nas horas mais difíceis, e quando eu não me entendia, ela conseguia passar uma visão do que eu não estava vendo”. Kins et al. (2008) demonstraram que uma relação de parceria entre uma mulher cis e um homem trans não difere substancialmente de uma “tradicional relação heterossexual” quanto ao grau de satisfação relacional e sexual da parceira. A literatura recente tem valorizado o estudo da pluralidade de configurações das conjugalidades trans (Alexandre & Santos, 2021).

A partir de tais flexibilizações nas definições anteriormente compartimentadas e naturalizadas, nota-se que é possível manter um relacionamento afetivo-sexual satisfatório, principalmente a partir de movimentos de resiliência que objetivam conquistar a validação da identidade de gênero do homem trans. Esse dado é consistente com outros estudos, que descrevem a necessidade de constantes negociações e mudanças relacionais para a promoção da identidade de gênero do sujeito trans (Alexandre & Santos, 2019; Almeida & Santos, 2021; Lomando & Nardi, 2013).

No conjunto dos participantes, dois se declararam bissexuais (Henrique, Gabriel) e dois pansexuais (Hugo, Olliver). Ambas as orientações sexuais incluem a possibilidade de relações homoafetivas, contudo, nenhum dos participantes mencionou ter mantido relações afetivo-sexuais com homens após a transição de gênero. Antes da transição, alguns afirmaram já terem mantido relações fortuitas com homens cis, entendendo que não se configuravam como relações homossexuais, mas heterossexuais. Apesar de não terem

concretizado tal possibilidade relacional, todos declararam manter esse arranjo conjugal como hipótese a ser considerada. Os resultados obtidos são congruentes com a literatura (Schleifer, 2006), ao apontarem que tais sujeitos podem não esperar ou desejar o endosso da conformidade excessiva de seu papel sexual por seus/suas cônjuges, baseando suas distinções entre sexo, gênero e sexualidade mais na necessidade de darem sentido aos seus corpos, sentimentos e interações. Esses achados permitem repensar e questionar algumas das premissas básicas que sustentam as concepções usuais sobre orientação sexual.

Encarando a fetichização dos corpos trans: curiosidade, experiência e gestão dos afetos

Esse tema destaca o registro recorrente de experiências de fetichização dos corpos dos homens trans após a transição. Na maior parte das vezes, tais sujeitos percebem e vivenciam a aproximação de pessoas cujo único objetivo é ter uma "experiência sexual com um trans". Gabriel contou, com evidente indignação, que chegou a receber propostas para fazer sexo pago apenas para "realizar um fetiche" de alguém que se julgava no direito de seduzi-lo: "Até um certo tempo atrás eu ainda recebia mensagem falando que a pessoa tinha muita vontade de ficar com homem trans para saber como era, porque tem fetiche em ficar com homem trans". Raras foram as menções à existência de um desejo de aproximação com vistas a estabelecer um relacionamento estável e duradouro.

Marcos, Humberto e Yoasi também referiram ter passado por experiências de terem sido lidos como um fetiche, tornando-se alvos da curiosidade mórbida de outras pessoas. Humberto afirma: "Eu só mudei de fetiche na minha vida. Porque, quando eu era lésbica, os caras queriam ficar comigo pra falar: 'Fiquei com uma lésbica, peguei uma sapatão'". Para esses homens trans, é embaraçoso perceber que algumas aproximações são motivadas por interesse e expectativas de satisfazer um fetiche ou por serem lidos como uma

promessa de experiência enigmática por terem um corpo que suscita fascínio e estranhamento, repulsa e curiosidade ao mesmo tempo. Marcos revelou seu incômodo ao se perceber como alvo de exotização: "É desagradável, porque ninguém quer ser uma curiosidade para outra pessoa".

Assim, nos relatos compartilhados, os homens trans descrevem situações de aproximação de pessoas com base exclusivamente no interesse sexual, movidas por motivações obscuras, que resultam na exotização e objetificação de suas existências (Boffi & Santos, 2023). Eles notam que há uma curiosidade mórbida quanto à composição de seus corpos e, especialmente, em relação ao modo como eles gozam. Nesse processo, destaca-se o apagamento do laço afetivo, que só é concebível *in extremis* e no "mais absoluto sigilo", no reduto protegido da intimidade. Nesse limitado horizonte afetivo, a exposição pública do relacionamento está fora de questão.

Desse modo, resguardadas as peculiaridades, o fenômeno da fetichização dos corpos dos homens trans, identificado no presente estudo, parece ser análogo ao fenômeno vivenciado pelas mulheres trans e por corpos travestis (Almeida & Santos, 2024; Silva, 2018). A publicização do relacionamento também se reveste de significado de aceitação da identidade social por parte das demais pessoas, além de legitimação do sucesso de sua transição de gênero.

Desapontados, os homens trans, no período pós-transição, passam a vivenciar um sentimento persistente de desconfiança diante de interações de cunho afetivo-sexual. Ressabiados e, algumas vezes, traumatizados por experiências negativas anteriores, eles tentam entrever qual seria o real interesse de quem se aproxima. Nesse processo, a busca por relacionamentos afetivo-sexuais cujo interesse de ambas as partes seja de envolvimento emocional, mantendo o respeito à identidade de gênero, torna-se mais exaustiva, se comparada ao período anterior à transição, quando sua imagem correspondia à normativa cisgênera mulher-vulva.

A partir das lições extraídas das experiências concretas de rejeição vivenciadas e do precon-

ceito percebido, somadas às experiências de preconceito internalizado associado à fetichização de seus corpos, alimenta-se o ciclo de antecipação de possíveis rejeições nas tentativas de manter relacionamentos afetivo-sexuais. Isso pode levar os homens trans a alimentarem uma expectativa antecipatória de rejeição, um estressor frequentemente encontrado nessa população (Rood et al., 2016). Tal antecipação pode desencadear a reação de estresse, que contribui para acentuar processos de vulnerabilização dos homens trans.

Diante do estresse resultante da antecipação do preconceito e das consequências do processo de evitação da exposição, o isolamento pode ser reforçado em prejuízo da autoestima, fragilizando o enfrentamento de situações adversas no contexto relacional. Assim, pode-se perpetuar o ciclo que retroalimenta o sofrimento psicológico, corroborando o estudo de Chinazzo et al. (2021) com o modelo de estresse de minorias sexuais e de gênero.

Considerações finais

Este estudo permitiu identificar as expectativas e percepções de homens trans acerca de seus relacionamentos afetivo-sexuais no cenário pós-transição de gênero, a partir do modelo de estresse de minorias sexuais e de gênero. Destaca-se como um dos principais resultados obtidos a percepção de redução das possibilidades de relacionamentos afetivo-sexuais, em decorrência da exposição reiterada ao preconceito percebido. Esse preconceito fomenta o sentimento de rejeição, que, por sua vez, faz emergir sentimentos negativos e de insegurança sobre seus corpos e identidades. A exposição ao estresse de minoria e a antecipação de preconceito permitiram compreender a descrença de alguns participantes na possibilidade de manterem relacionamentos duradouros.

Considerando que as experiências de discriminação e isolamento social influenciam negativamente a reelaboração da autoimagem e do sentimento de autoestima no decorrer da transição, deve-se investir na criação de ambientes seguros nos serviços de saúde para que os sujeitos trans

possam expressar sua sexualidade e identidade de gênero sem o temor de sofrerem constrangimentos ou serem submetidos às injunções coercitivas das normativas cisheteronormativas. A construção de espaços inclusivos de cuidado, centrados no vínculo e no acolhimento, favorece que os homens trans se sintam confortáveis e em segurança para comunicar livremente seus desejos e expectativas ao experimentar sua identidade de gênero na esfera das relações afetivo-sexuais. A inclusão das(os) parceiras(os) no cuidado pode potencializar os resultados e promover maior qualidade nos relacionamentos.

É importante atentar para as limitações do conhecimento produzido neste estudo, sobretudo quando se vislumbra a diversidade de modos de existências transmasculinas que certamente não estão contempladas no *corpus* construído. Deve ser destacada a ausência de experiências de relacionamentos não heterossexuais e relações transcêntricas, possibilidades não vivenciadas pelos entrevistados. A inclusão de narrativas com tais configurações poderia ajudar a esmaecer outros processos relacionais vividos por homens trans.

Referências

- Alexandre, V., & Santos, M. A. (2019). Experiência conjugal de casal cis-trans: contribuições ao estudo da tranconjugalidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(n. spe 3), e228629, 75-87. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228629>
- Alexandre, V., & Santos, M. A. (2021). Conjugalidade cis-trans: Reinventando laços, desestabilizando certezas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, e224044. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003224044>
- Almeida, M. M., & Belo, F. R. R. (2019). As mulheres trans como objeto de amor: leitura laplancheana. *Revista Periódica*, 2(11), 65-82. <https://doi.org/10.9771/peri.v2i11.24627>
- Almeida, R. G., & Santos, M. A. (2021). Transmasculinidade e teoria queer: a experiência corporal da infância à vida adulta. *Psicologia & Sociedade*, 33, e240127. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33240127>
- Almeida, R. G., & Santos, M. A. (2024). Políticas afetivo-sexuais na cisheteronormatividade: resistências e estratégias de bem viver de uma mulher transexual. *Psicologia USP*, 35, e230015. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e230015>

- Angonese, M., & Lago, M. C. D. S. (2017). Direitos e saúde reprodutiva para a população de travestis e transexuais: abjeção e esterilidade simbólica. *Saúde e Sociedade*, 26(1), 256-270. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902017157712>
- Bento, B. (2012). A diferença que faz a diferença: Corpo e subjetividade na transexualidade. *Bagoas: Estudos Gays, Gêneros e Sexualidades*, 3(4), 95-112. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2298>
- Boffi, L. C., & Santos, M. A. (2023). Da transfobia ao racismo: experiências de transição de homens transexuais negros. *Psicologia USP*, 34, e200212. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e200212>
- Boffi, L. C., Guijarro-Rodrigues, E. C., & Santos, M. A. (2022). Experience of masculinity performed by transgender men: qualitative evidence and metasynthesis. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 39, e200221. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200221>
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(4), 589-597. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Brown, N. R. (2010). The sexual relationships of sexual-minority women partnered with trans men: a qualitative study. *Archives of Sexual Behavior*, 39(2), 561-572. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9511-9>
- Chinazzo, Í. R., Lobato, M. I. R., Nardi, H. C., Koller, S. H., Saadeh, A., & Costa, A. B. (2021). Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 5045-5056. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.28532019>
- Collier, M., & Daniel, M. (2019). The production of trans illegality: cisnormativity in the US immigration system. *Sociology Compass*, 13(4), e12666. <https://doi.org/10.1111/soc4.126Du>
- Defreyne, J., Motmans, J., & T'sjoen, G. (2017). Healthcare costs and quality of life outcomes following gender affirming surgery in trans men: a review. *Expert Review of Pharmacoeconomics & Outcomes Research*, 17(6), 543-556. <http://dx.doi.org/10.1080/14737167.2017.1388164>
- Edelman, E. A., & Zimman, L. (2014). Boycounts and bonus holes: Trans men's bodies, neoliberalism, and the sexual productivity of genitals. *Journal of Homosexuality*, 61(5), 673-690. <https://doi.org/10.1080/00918369.2014.870438>
- Galli, R. A., Vieira, E. M., Giami, A., & Santos, M. A. (2013). Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 447-457. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000400011>
- Gamarel, K. E., Reisner, S. L., Laurenceau, J. P., Nemoto, T., & Operario, D. (2014). Gender minority stress, mental health, and relationship quality: a dyadic investigation of transgender women and their cisgender male partners. *Journal of Family Psychology*, 28(4), 437-447. <http://dx.doi.org/10.1037/a0037171>
- Gaspodini, I. B., & Falcke, D. (2018). Sexual and gender diversity in clinical practice in Psychology. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 28, e2827. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2827>
- Hendricks, M. L., & Testa, R. J. (2012). A conceptual framework for clinical work with transgender and gender nonconforming clients: an adaptation of the minority stress model. *Professional Psychology: Research and Practice*, 43(5), 460-467. <https://doi.org/10.1037/a002959>
- Kins, E., Hoebeke, P., Heylens, G., Rubers, R., & Cuypera, G. D. (2008). The female-to-male transsexual and his female partner versus the traditional couple: a comparison. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 34(5), 429-438. <https://doi.org/10.1080/00926230802156236>
- Lenning, E., & Buist, C. L. (2013). Social, psychological and economic challenges faced by transgender individuals and their significant others: gaining insight through personal narratives. *Culture, Health & Sexuality*, 15(1), 44-57. <https://doi.org/10.1080/13691058.2012.738431>
- Link, B. G., & Phelan, J. C. (2001). Conceptualizing stigma. *Annual Review of Sociology*, 27(1), 363-385. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.27.1.263>
- Lira, A. N. D., & Morais, N. A. D. (2020). Psychosocial adjustment profiles of gay and lesbian individuals involved in marital relations: a cluster-based analysis. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 30, e3013. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3013>
- Lomando, E. M., & Nardi, H. C. (2013). Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social. *Saúde Debate*, 37(98), 493-503.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674-697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Nadal, K. L., Whitman, C. N., Davis, L. S., Erazo, T., & Davidoff, K. C. (2016). Microaggressions toward lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, and genderqueer people: a review of the literature. *Journal of Sex Research*, 53(4-5), 488-508. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1142495>
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(3), 547-563. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>
- Randall, A. K., & Bodenmann, G. (2009). The role of stress on close relationships and marital satisfaction. *Clinical Psychology Review*, 29, 105-115. <http://dx.doi.org/doi:10.1016/j.cpr.2008.10.004>
- Rood, B. A., Reisner, S. L., Surace, F. I., Puckett, J. A., Maroney, M. R., & Pantalone, D. W. (2016). Expecting rejection: Understanding the minority stress experiences of transgender and gender-nonconforming individuals. *Transgender Health*, 1(1), 151-164. <https://doi.org/10.1089/trgh.2016.0012>

Santana, B., Peçanha, L. M. B., & Conceição, V. G. (Orgs.). (2021). *Transmasculinidades negras: Narrativas plurais em primeira pessoa*. Ciclo Contínuo.

Santos, M. A., & Boffi, L. C. (2022). Identidade de gênero de homens transexuais à luz de Paul Preciado. *Revista Estudos Feministas*, 30(2), e79288. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n279288>

Santos, M. A., Souza, R. S., Lara, L. A. S., Risk, E. N., Oliveira, W. A., Alexandre, V., & Oliveira-Cardoso, E. A. (2019). Transexualidade, ordem médica e política de saúde: Controle normativo do processo transexualizador no Brasil. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 3-19. <http://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n1p03>

Schleifer, D. (2006). Make me feel mighty real: Gay female-to-male transgenderists negotiating sex, gender, and sexuality. *Sexualities*, 9(1), 57-75. <https://doi.org/10.1177/1363460706058397>

Silva, M. F. (2018). *Trajetórias trans: Apoio social e relações afetivo-sexuais de transexuais* [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-22082018-150609/en.php>

Sousa, D., & Iriart, J. (2018). "Viver dignamente": Necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 34, e00036318. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00036318>

Souza, C., & Santos, M. A. (2023). Sutilezas do relacionamento afetivo entre mulheres em Retrato de uma Jovem em Chamas. *Revista Estudos Feministas*, 31(1), e86227. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n286227>

Tombolato, M. A., Maia, A. C. B., & Santos, M. A. (2019). A trajetória de adoção de uma criança por um casal de lésbicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e3546. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3546>

Tombolato, M. A., Maia, A. C. B., Uziel, A. P., & Santos, M. A. (2018). Prejudice and discrimination in the everyday life of same-sex couples raising children. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 35(1), 111-122. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000100011>

Wittig, M. (1992). *The straight mind and other essays*. Beacon.

Letícia Carolina Boffi

Mestre em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), em Ribeirão Preto, SP, Brasil. Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em Uberlândia, MG, Brasil. Bolsista de Mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Processo número 88887.600239/2021-00. Membro do LEPPS - Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (FFCLRP-USP/CNPq). Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), em Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Manoel Antônio dos Santos

Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Livre Docente pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), em Ribeirão Preto, SP, Brasil. Professor Titular da FFCLRP-USP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq, PQ 1A). Coordenador do LEPPS - Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (FFCLRP-USP/CNPq).

Endereço para correspondência

Letícia Carolina Boffi / Manoel Antônio dos Santos

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Departamento de Psicologia

Avenida Bandeirantes, 3900

Vila Monte Alegre, 14040-901

Ribeirão Preto, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.